

“Zumbi, rei negro dos Palmares”: A narrativa da Juventude Imperial no Diário Mercantil e Diário da Tarde¹

Samara Miranda da Silva²

Mestranda

Rafael Otávio Dias Rezende³

Doutorando

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

Apresentado pela Juventude Imperial em 1973, o enredo *Zumbi, rei negro dos Palmares* marca a história como um dos primeiros de temática afro-brasileira do carnaval de Juiz de Fora, consagrando a agremiação com um inédito tetracampeonato. Assim, o objetivo da pesquisa é observar como a elite intelectual do município repercutiu a iniciativa de inserção do negro como protagonista na narrativa carnavalesca. A partir do estudo de caso (YIN, 2001), toma-se a cobertura jornalística do Diário Mercantil e Diário da Tarde como objeto de estudo. Através da análise, notou-se que o Diário da Tarde dedicou maior espaço em suas páginas para informar sobre os desfiles. Entretanto, ambos os jornais abordaram a apresentação e a vitória da Juventude Imperial valorizando o clima de euforia da festa, sem se atentar para a ruptura e a inovação proposta por seu enredo.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Escola de samba; Mídia impressa; Carnaval; Memória.

Introdução

As primeiras manifestações com requintes carnavalescos em Juiz de Fora datam do final do século XIX, antes mesmo da província ser emancipada. O entrudo, brincadeira vinda juntamente com os colonos portugueses, possuía, para alguns, gosto duvidoso. Conforme ressalta Moreira, o entrudo “dominava a festa, com fantasias de dominós para proteger a identidade daqueles que tinham um código próprio para molhar as pessoas: limões de cheiro para os namorados, muita água para os amigos e a água dos penicos para quem gozasse de antipatia” (MOREIRA, 2008, p. 64).

Com teor menos violento, crítico e organizado pela elite, em 1884 rapazes “saíram a cavalo pelas ruas com casacas pretas, cartolas e gravatas vermelhas; ornamentaram as ruas com cartazes que criticavam a Telefônica, os bondes, a polícia, a catedral e carregavam um

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Jornalista diplomada, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF). E-mail: delacomunicacao@gmail.com.

³ Jornalista diplomado, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM-UFJF). E-mail: rafaelodr@yahoo.com.br.

caixão com projetos da Câmara” (MOREIRA, 2008, p. 65). O grupo, intitulado Diabos Carnavalescos, chegou a consagrar Juiz de Fora como a Veneza mineira.

Segundo a pesquisadora Cláudia Thomé (2018), o entrudo praticado pelas plebes era temido pela burguesia, que buscou formas de proibir a brincadeira. “A tentativa de controlar o ‘vale tudo’ nas ruas era uma empreitada nacional e nela foram usadas todas as armas, das crônicas nos jornais ao poder público” (THOMÉ, 2018, p. 2). Seguindo a tendência do Rio de Janeiro de controle e cerceamento, é inaugurado o primeiro clube de Grande Sociedade Carnavalesca, o Volapukistas, em 1888. Nas primeiras décadas do novo século, nascem as batalhas de confete, que tinham como característica ser uma “brincadeira [...] basicamente nos quesitos dos corsos, aonde, quando as carruagens ou automóveis se cruzavam, os foliões lançavam uns sobre os outros confetes ou serpentinas” (ALMADA, 2014, p. 36). Em Juiz de Fora, “os ranchos eram formados por pessoas de várias categorias sociais, o que geralmente não acontecia com entidades carnavalescas denominadas clubes, que faziam dois tipos de Carnaval: bailes, em suas sedes, e o de rua, com retretas e corso” (MOSTARO; FILHO; MEDEIROS, 1977, p. 17). Formados nos seios familiares “de índole carnavalesca”, que se envolviam na organização dos desfiles, os blocos passaram a tocar novos ritmos vindos da capital fluminense.

Dessas reuniões, o bloco Feito com Má Vontade agrega a ideia pioneira trazida por José Oceano Soares e funda em 1934 a primeira escola de samba da cidade, a Turunas do Riachuelo. Segundo Mostaro, Filho e Medeiros (1977, p. 26), “Minas dá samba, já disseram. Entretanto o que pouca gente sabe é que em JF foi fundada a primeira Escola de Samba do Estado e a quarta do Brasil”. Tal manifestação desabrocha, para os autores, devido à imprescindibilidade popular de expressão pública. “As grandes sociedades (préstitos), os ranchos e os clubes nem sempre admitiam em suas fileiras os quadros de pessoas que fossem de classes sociais menos favorecidas”. Portanto, ao permitir que diversas pessoas pudessem participar, “os grupos de sambistas ainda vistos na época com olhos bastante repressivos, principalmente por parte das autoridades policiais, porque permitiam certa promiscuidade com pessoas de má fama, nada mais natural do que tentar, espontaneamente, uma oficialização daqueles anônimos núcleos carnavalescos” (MOSTARO; FILHO; MEDEIROS, 1977, p. 26-27).

O primeiro desfile oficial acontece em 1966, organizado e idealizado pelo Departamento Autônomo de Turismo (DAT), que escolhe a Avenida Rio Branco como palco “por ser a via mais larga da cidade, podendo acomodar facilmente o público e dar

bastante espaço para a evolução das agremiações” (MOREIRA, 2008, p. 73). A Feliz Lembrança se consagra campeã, ao apresentar o enredo *Mascarada Veneziana*.

O bairro Furtado de Menezes, Zona Sudeste, popularmente rotulado como periferia da cidade, é um grande reduto cultural. Em meados de 1963, o Bloco do Olavo queria somente sair pelas ruas do município para brincar o carnaval. No ano seguinte, incentivado pelo DAT – que já intencionava realizar os desfiles competitivos – David Chaves, recém-vindo do Rio de Janeiro, e os foliões do bloco fundam a Juventude Imperial. De cores verde e branco, “escolhidas por causa da sua convivência com a carioca Mocidade Independente de Padre Miguel, e pela ajuda inicial dada pela agremiação” (MOREIRA, 2008, p. 93).

Nos seus primeiros anos após a fundação, a Juventude alcança um grande feito até então nunca conseguido por outras escolas, sendo a única tetracampeã do carnaval juiz-forano. A primeira vitória ocorre em 1970, com o enredo *Três Episódios- Brasil Colônia, Imperial e República*, seguido de *A guerra dos Canudos* (1971); *Manoel Bananeiro* (1972) e *Zumbi, rei negro dos Palmares* (1973). Já naquela época, a imprensa local acompanhava com empenho os desfiles das escolas de samba e dos blocos. Dois dos periódicos de maior popularidade no período, o Diário Mercantil e o Diário da Tarde também dedicavam espaço em suas páginas para a cobertura do carnaval.

A primeira edição do Diário Mercantil foi veiculada no dia 23 de janeiro de 1912, sob a orientação de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e João Penido. A pesquisadora Cristina Musse (2006) transcreve o editorial dos proprietários, onde é explícito as intenções e compromissos dos mesmos. “E de defensores *solicitos* e fiéis precisam sempre, especialmente nesta hora, a lavoura, o *commercio* e a *industria*, as três grandes forças de onde promanam a riqueza particular e pública, e, portanto, o bem-estar do *paiz*” (MUSSE apud DIÁRIO MERCANTIL, 2006, p. 81).

O Diário da Tarde, por sua vez, foi instituído em 1942 com o intuito de suprir a necessidade de uma segunda edição do Diário Mercantil. “Jornal mais popular, diferente da linha conservadora mais elitista imposta pelo Mercantil, o Diário da Tarde era vendido na porta das fábricas, quando às 4 horas da tarde, os operários encerravam a sua jornada e levavam o jornal para suas casas para acompanharem o noticiário” (MUSSE apud ANDREOLA, 2006, p. 90-91). Ambos os periódicos deixaram de circular em 1983.

Assim, o artigo se propõe a pesquisar como a imprensa juiz-forana noticiava o carnaval local. Tendo como suporte metodológico o estudo de caso (YIN, 2001), utiliza-se para análise as páginas do Diário Mercantil e Diário da Tarde dedicadas à divulgação e

cobertura do desfile de 1973 da Juventude Imperial, *Zumbi, rei negro dos Palmares*, considerado um dos primeiros enredos de temática afro-brasileira a ser campeão no carnaval de Juiz de Fora. Procura-se, com isso, observar a forma pela qual a elite intelectual da cidade repercutiu precursora iniciativa de inserção do negro como protagonista na narrativa carnavalesca.

O pioneiro quilombo salgueirense

A primeira instituição carnavalesca denominada como escola de samba foi a Deixa Falar, em 1928. A pioneira criação dos sambistas do bairro Estácio de Sá, na região central do Rio de Janeiro, logo se espalhou para outras comunidades. Já em 1932 o jornal Mundo Sportivo promovia o primeiro campeonato oficial entre as escolas de samba cariocas (CABRAL, 2011).

Embora o público e os componentes dessas agremiações fosse majoritariamente de negros de baixa renda – muitos deles residentes nas comunidades que sediavam essas instituições –, os enredos apresentados por elas contavam, majoritariamente, a história vitoriosa dos brancos, classificado por Cavalcanti (1999, p. 31) como “vertente ‘histórico-heróico-ufanista’”. Essa tendência teria surgindo ainda nos anos 1930, quando as escolas obedeceram aos interesses da elite do país ao se tornarem “canais de promoção de certa pedagogia de exaltação aos valores da pátria. Os enredos e os sambas teriam caráter de instrumentos civilizadores das massas” (FABATO; SIMAS, 2015, p. 22). Simas e Mussa (2010, p. 18) acrescentam.

Não surpreende constatar [...] que a ideia de se usarem temas de exaltação nacional não foi uma imposição do governo, partiu dos próprios redutos do samba, antenados com a perspectiva nacionalista que caracterizava a atuação do Estado na recém-iniciada Era Vargas. Exaltar os valores nacionais era uma bela estratégia em busca do reconhecimento formal das escolas de samba. Antes de ser uma imposição passivamente aceita pelo mundo do samba, falar da pátria era uma forma de o sambista encontrar a aceitação social pretendida, em uma postura pragmática que permitiria a sobrevivência das agremiações.

Nos anos 1960, entretanto, o interesse e a progressiva presença da classe média na festa – assim como o início das transmissões televisivas do espetáculo – demandaram mudanças na sua concepção artística. O Salgueiro tomaria a dianteira ao recorrer a artistas plásticos para desenvolver seus enredos, primeiro, com o casal Dirceu Neri e Marie Louise e, depois, com Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues. Os desfiles até então eram idealizados por membros das comunidades das escolas, sem nenhuma formação profissional

na área. Pamplona e sua equipe dão uma guinada definitiva na estética e na temática do carnaval, iniciando um processo em que o principal personagem deixaria de ser o sambista para ser o carnavalesco, profissão que começava a se consolidar naquele momento. Como observado por Cabral (2011, p. 208), o apuro visual apresentado pelos profissionais ligados à Escola Nacional das Belas-Artes estava em consonância com os desejos do novo público, ao mesmo tempo em que encantava e agradava também os espectadores mais antigos.

Em 1960, Pamplona, com o incentivo do presidente Nelson de Andrade, realiza o enredo *Quilombo dos Palmares* no Salgueiro (Faria, 2014). O vitorioso desfile é um dos primeiros a colocar o negro como o protagonista da narrativa.

Ao desfilar com o seminal *Quilombo dos Palmares*, no carnaval de 1960, o Salgueiro apresentou uma visão dos quilombolas fundamentada no caráter guerreiro e na defesa tenaz do território rebelde; a Troia Negra nas matas nordestinas. O quilombo é retratado como um oásis de liberdade e tranquilidade (coisa que a historiografia recente já tratou de relativizar bastante) e Zumbi (mencionado no samba como Zâmbi) é o herói sacrificial da epopeia palmarina que, no belíssimo samba de Anescarzinho e Noel Rosa de Oliveira, se precipita do alto da Serra do Gigante ao ver o quilombo destruído pelos bandeirantes de Domingos Jorge Velho (FABATO; SIMAS, 2015, p. 33).

A mudança de foco na história ocorreu não apenas devido ao processo de independência das colônias africanas. De acordo com Beatriz Sarlo (2015, p. 15-19), o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970 marca a busca pelo reconhecimento de novas identidades e novos personagens, até então ignorados pelo que a autora intitula “discursos de memória”. Andreas Huyssen (2000, p. 10) também destaca o período: “Discursos de memória de um novo tipo emergiram pela primeira vez no ocidente depois da década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas. A procura por outras tradições e pela tradição dos ‘outros’”.

No Brasil, Edison Carneiro – etnólogo presente na rede de relações de Pamplona – escreveu o livro *Quilombo dos Palmares* durante a ditadura do Estado Novo (1937-1945). Proibido pelo governo Vargas, a obra foi publicada primeiro no exterior para, em 1947, ser lançada no Brasil (FABATO; SIMAS, 2015, p. 31-32). Mas foi apenas entre as décadas de 1960 e 1970 que os estudos sobre Palmares ganharam espaço significativo e o país “começa a ver o renascimento da militância negra e a retomada das denúncias contra o mito da democracia racial no Brasil” (LOPES, 2008, p. 136).

Nos anos seguintes, o Salgueiro homenageou outros personagens negros, como Aleijadinho (1961), Chica da Silva (1963) e Chico Rei (1964), nomes até então pouco

valorizados pela história oficial do país. Perpassa pelos enredos salgueirenses a resistência à escravidão e suas heranças através da exaltação do negro como figura mitológica, heroica, guerreira e insubmissa, inserindo-se “fortemente no front das lutas pela liberdade” (FABATO; SIMAS, 2015, p. 39), contrapondo – e contestando – as narrativas de abrandamento das questões raciais e exaltação da história do branco vitorioso.

Nos anos 1970, evitando o enfrentamento com a censura da Ditadura Militar, os enredos de temática afro-brasileira se deslocaram das homenagens a personagens historicamente relacionados pela luta por liberdade para o terreno da cultura, religiosidade e crenças de origem africana. “Teremos menos Zumbi e mais Xangô. Menos história e mais mito” (FABATO; SIMAS, 2015, p. 45). As escolas cariocas se adaptavam mais uma vez ao período em que se situavam, mas nunca mais deixariam de exaltar os negros em suas narrativas.

A negra Juventude na imprensa juiz-forana

As escolas de samba de Juiz de Fora movimentaram as páginas dos jornais Diário Mercantil e Diário da Tarde antes mesmo dos dias de desfiles. Informações sobre os preparativos, escolha dos sambas-enredos, festejos em salões e clubes marcaram presença nos folhetins. Em 1973, os cortejos foram realizados entre os dias 03 e 06 de março e as instituições carnavalescas tinham duas oportunidades de mostrar o trabalho na avenida. Segundo matéria do Diário Mercantil do dia 18 de fevereiro, os blocos se apresentariam no sábado e na segunda-feira e as escolas de samba no domingo e na terça-feira, tendo cada um deles duas horas para atravessar a Avenida Rio Branco. No segundo dia de desfiles, a ordem de apresentação era invertida.

A pesquisa explorou todas as edições dos jornais de 02 a 09 de março. Capa, editorias e colunas compõem os objetos investigados. Edições anteriores aos desfiles também foram observados, visando perceber como os preparativos para a folia eram retratados. Os veículos divulgavam os preparativos dos blocos e agremiações meses antes, já agendando a população para os festejos que viriam. Um exemplo é a capa de 4 e 5 de janeiro (Figura 1) do Diário Mercantil, estampada pela escola de samba Partido Alto e com chamada informando o título do enredo e o evento que aconteceria naquela semana, quando receberia a escola carioca Estação Primeira de Mangueira para batizá-la, e elegeria o samba-enredo de sua apresentação.

Outro exemplo da ampla divulgação é a coluna Vozes, do Diário Mercantil. No dia 6 de janeiro, traz a seguinte nota sobre a Juventude Imperial: “Seu enredo será o Zumbi - Rei Negro dos Palmares. As alas apresentarão quadros e episódios da história-lenda desse famoso rei negro que orientou o quilombo dos Palmares, sentinela avançada do movimento de libertação dos escravos no Brasil” (DIÁRIO MERCANTIL, 1973a, p. 2). A matéria ainda discorre sobre o concurso de samba-enredo que aconteceria em fevereiro, o objetivo da diretoria em construir a sede social e a empolgação para a conquista do treta campeonato (Figura 2).

Figura 1 - Capa do Diário Mercantil, 4 e 5 de janeiro

Figura 2 - coluna Vozes, Diário Mercantil, 6 de janeiro



Fonte: Acervo pessoal/ Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

Atentando para a cobertura no período especificado para análise, a coluna Vozes do dia 2 de março, sexta-feira, traz a alegria da transmissão dos desfiles das escolas do Rio de Janeiro pela TV em cores. Nas outras editorias, foi publicada a letra dos sambas dos blocos, o tema da decoração do Clube Tupinambás, o funcionamento e os dias de bailes e matinês. A capa da edição do sábado de carnaval, 3 de março, traz foto da Avenida Rio Branco

decorada e com as arquibancadas instaladas. Foram veiculados ainda o enredo e o samba da Rivais da Primavera, a abertura do carnaval em um clube pela Feliz Lembrança, uma circular sobre a autorização para motoristas e cobradores de ônibus urbano trabalharem fantasiados e o esquema policial da folia no município.

A Banda Daki – famoso bloco – ilustra a capa dos dias 4 e 5 de março. Nessa edição, a coluna *Voices* é totalmente dedicada ao carnaval, informando sobre as quatro escolas de samba. Na nota sobre a Juventude Imperial, chama a atenção o destaque para uma ala, que muito se estima estar ligada a recém-inaugurada Universidade Federal. “Esse ano vem mais uma novidade que é a ala universitária, onde a *brotolândia* tá a fim de pular” (DIÁRIO MERCANTIL, p. 2, 1973b). A coluna cita o enredo, porém o ineditismo não é evidenciado (Figura 3).

Uma editoria chamada *Carnaval* é veiculada contendo todas as informações dos festejos na cidade. Distribuída em uma página inteira, informa sobre os clubes que sediariam os bailes carnavalescos, o funcionamento de serviços, como bancos, arquibancadas e barraquinhas, o regulamento da competição, o dia da apuração das notas e dados das escolas que desfilariam no dia. Sobre a Juventude, é enfatizado o entusiasmo para a conquista do título e um elogio ao samba-enredo. “O enredo, ‘Rei Negro dos Palmares’ de autoria de Flávio e Zezé do Pandeiro, é um dos melhores”, considera a crítica. O caderno de domingo trouxe edição especial contando a história do carnaval.

A capa do dia 8 de março, terça-feira de carnaval, contém duas fotos dos desfiles. A coluna *Voices* repercute todos os acontecimentos, tendo como destaque o título *Juiz de Fora, Capital do Samba*, exaltando os desfiles, a organização e o clima de confraternização entre as classes sociais. “Samba que deixou de ser privilégio do crioulo do morro”, relata o Diário Mercantil (1973c, p. 2). Uma página é dedicada à cobertura, com fotos das quatro agremiações e textos curtos ressaltando o ponto alto de cada uma delas. Ressalta-se o desempenho da bateria e, novamente, o entusiasmo e a expectativa para a conquista do título da Juventude Imperial.

Ilustrada por duas fotos, a capa do dia 9, quarta-feira de cinzas, tem a manchete *Juventude Imperial ganha na rua e nos votos e é tetra* (Figura 4). Abaixo, uma chamada relata a ansiedade dos componentes da escola a cada nota lida, o troféu José Miranda Ribeiro recebido, a presença do prefeito Itamar Franco na abertura dos envelopes e a indignação da Escola Castelo de Ouro com o resultado. A capa traz ainda a notícia do impedimento de um novo desfile, devido às celebrações da Igreja Católica. “Já estamos em

plena Quaresma e que seria um desrespeito a realização de uma noite carnavalesca num período como este, que a Igreja guarda com a máxima devoção”, diz o texto (DIÁRIO MERCANTIL, p. 1, 1973d). Observa-se, porém, que vários outros assuntos ocupam espaço na primeira página do jornal.

Figura 3 - Diário Mercantil, 4 e 5 de março

Figura 4 - Capa do Diário Mercantil, 9 de março

FELIZ LEMBRANÇA
Seguindo o Castelo, às 20,30, vem o balanço azul, vermelho e branco da tradicional Feliz Lembrança. O samba deles é muito comunicativo, cês vão ver, logo: “Reminiscências de Carnaval”, da pesadíssima. Turma de todo lugar entrou na escola a fim de botar pra quebrar.

JUVENTUDE IMPERIAL
As 21,30 horas teremos Juventude Imperial, a escola sapudes verde e branca. Esse ano vem mais uma novidade que é a ala universitária, onde a brotolândia tá a fim de pular. A ala de show também tá tinindo, cês vão ver. O tema original: “Zumbi, rei dos Palmares”. Abraço pra turma da Juventude.



Fonte: Acervo pessoal/ Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

A coluna Vozes destaca a presença de autoridades durante os dias de desfile, principalmente os militares. A evidência se justifica, pois o país vivia sob o regime da Ditadura Militar naquele período. No final da coluna, fotos de dois homens tocando tamborim ilustram a matéria *Carnaval de todo mundo*. O texto dá ênfase que o samba é para todos, um elemento aglutinador. “E pra mostrar que o samba tá muito firme no asfalto, eu saci essas duas fotos *procês*: o major Ney Fassheber e o empresário comercial Fausto de Araújo Braga” (DIÁRIO MERCANTIL, p. 2, 1973e), exemplifica.

A matéria de cobertura do Diário Mercantil se inicia apontando o local da apuração, a agitação entre os presentes e as notas dos blocos Partido Alto, Unidos dos Passos, Rivais da Primavera e Não Venha Assim. A metade do texto foca no tetracampeonato da Juventude, a euforia e os pontos dados a cada uma das escolas que participaram da disputa. A matéria é finalizada citando os prêmios recebidos, o anúncio do pagamento das verbas e

o protesto do Castelo de Ouro. As páginas do periódico destacaram ainda o trabalho do DAT na organização da festa, o nome do profissional que desenvolveu a decoração da avenida, os planos para a folia de 1974, as táticas de comunicação de São João Del Rey para se tornar o melhor carnaval de Minas, ressaltando que se o poder público investir no carnaval gerará lucros para a cidade.

Figura 5 - Capa do Diário da Tarde, 2 de março

Figura 6 - Capa do Diário da Tarde, 7 de março



Fonte: Acervo pessoal/ Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

Já o Diário da Tarde estampa na capa da edição de 2 de março a manchete *Tudo pronto: carnaval começa amanhã em Juiz de Fora* (Figura 5). Sob o título *No reinado de Momo*, a editoria continha anúncios, notas e várias informações sobre os festejos. Na página seguinte, todos os detalhes sobre os quesitos de avaliação das escolas e dos blocos são descritos e uma nota com o título *Ala-show da Juventude está tinindo*. Os três parágrafos ressaltam o entusiasmo para conquistar o campeonato e descreve os componentes da ala-show. Uma curiosidade sobre as edições analisadas do periódico, o cupom de promoção para indicar os campeões dos desfiles, que era levado e trocado por um brinde.

A edição do dia 7 de março traz a cobertura das apresentações. O título estampado na capa anunciava que *JF viveu o melhor e mais animado carnaval de Minas* (Figura 6). A

página de abertura é inteiramente dedicada à folia, com quatro fotos e uma chamada descrevendo e elogiando os dias de festejos. O periódico dedicou uma página inteira aos blocos, descrevendo as figuras de destaque, número de componentes e detalhes do cortejo. Na página destinada a noticiar a passagem das agremiações, intitulada *Escolas de Samba: show e empolgação*, há informações sobre as quatro escolas de samba, sendo a primeira matéria a descrever o enredo da Juventude Imperial. A primeira parte informa que “Zumbi, valente e lendário, nascido nos Palmares e cuja mocidade foi forjada nas incessantes lutas em defesa do quilombo, veio para o asfalto trazido pela escola tricampeã da cidade, a Juventude Imperial” (DIÁRIO DA TARDE, 1973, p. 5). O jornal ainda citou o posicionamento dos componentes e o nome da fantasia de algumas alas ou o que elas representavam (Figura 7).

Figura 7 - Diário da Tarde, 7 de março

Figura 8 - Capa do Diário da Tarde, 9 de março



Fonte: Acervo pessoal/ Biblioteca Municipal Murilo Mendes.

A capa do Diário da Tarde de quinta-feira, 8 de março, recebeu a manchete *Hoje é o dia da decisão. Quem desfilou melhor na avenida* e chamada para a matéria informando o horário e local da apuração, com foto. Na matéria, foto dos 16 jurados que julgaram as instituições. Foi ressaltado a confiança dos sambistas da Juventude Imperial em se sagrarem tetracampeões. No dia 9, o periódico confirmou a expectativa com o título *Juventude é tetra* (Figura 8), exibindo na primeira página a imagem dos torcedores da agremiação comemorando. Na reportagem, foi esclarecido o valor obtido nas pontuações, ressaltando o favoritismo previsto pelos profissionais da imprensa local. À exemplo do Diário Mercantil,

foi noticiado o cancelamento do Desfile das Campeãs, por imposição das instituições religiosas, insatisfeitas com uma nova apresentação carnavalesca em plena Quaresma.

Conclusão

Ao destacar Zumbi e sua trajetória de luta e bravura em 1973, a Juventude Imperial se torna uma das primeiras a apresentar a temática afro-brasileira entre as escolas de samba de Juiz de Fora. Ao ver a história dos ancestrais contada – não do ponto de vista eurocêntrico, distante e marginalizado, mas como protagonista, desafiando e superando o processo escravagista –, a agremiação reforça o seu papel socioeducativo, o seu potencial artístico, social e econômico e a forma pela qual se transforma em espaço de negociação com a sociedade em que está inserida.

Porém, a narrativa não obteve destaque em nenhum dos dois veículos analisados. Uma única matéria do Diário da Tarde retrata o personagem que dá nome ao enredo. Porém, de forma sucinta, sem detalhar o que seria proposto ou o ineditismo da Juventude com o seu tema. Observa-se, como consequência, o silenciamento do protagonismo da escola de periferia, silenciando também o negro como autor de sua história.

Os desfiles, por terem dia e hora marcados, são pautas agendadas. As coberturas seguiram um padrão, se mantendo dentro do lugar-comum das notícias datadas. Frequentemente, as matérias foram centradas nas instituições e na presença de autoridades, como o destaque dado ao DAT pela organização do carnaval. A imprensa também informou sobre a formação de uma ala composta por estudantes universitários na Juventude Imperial, indicando a entrada da classe média nos desfiles das escolas de samba de Juiz de Fora. Percebe-se, novamente, a inserção dos sambistas – a maioria deles negros – da Juventude Imperial como coadjuvantes nestas reportagens, uma vez que não possuem seus nomes e participação na apresentação da escola evidenciados.

Os jornalistas visaram valorizar em seus textos o clima de empolgação de cada apresentação e a euforia com o carnaval de Juiz de Fora, não se preocupando em apontar as favoritas ou descrever falhas que pudessem prejudicar alguma agremiação ou bloco na disputa pelo título. O Diário da Tarde, por ser um veículo mais popular, estampou maior número de imagens e ofereceu maior destaque à cobertura dos desfiles em sua capa, se comparado ao Diário Mercantil.

Por fim, é possível perceber maior interesse do público e, consequentemente, da imprensa local com o carnaval. As páginas transpareciam o orgulho dos cidadãos de

autoproclamarem a folia juiz-forana como a melhor de Minas Gerais, e as agremiações tinham um prestígio bastante superior ao percebido na década de 2010, quando, inclusive, não houve verba suficiente para que pudessem desfilar por alguns anos. Em 1973, nota-se que a ampla divulgação dos periódicos, iniciada meses antes da folia, colaborou para despertar o interesse, a curiosidade e grande procura da população, garantindo a lotação das arquibancadas.

REFERÊNCIAS

ALMADA, D. B. **Como será o amanhã**: Nove décadas de samba no carnaval de Juiz de Fora. 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

ALMEIDA, R. A. **No ar**: Carnaval de Juiz de Fora. Meio século de Identidade. Juiz de Fora: Belvedere, 2014.

CABRAL, S. **Escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Lumiar, 2011.

CAVALCANTI, M. L. V. C. **O rito e o tempo**: ensaios sobre o Carnaval. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DIÁRIO DA TARDE. Zumbi, o Rei Negro. Juiz de Fora, p. 5, 7 mar. 1973.

DIÁRIO MERCANTIL. Coluna Vozes. Juiz de Fora, p. 2, 6 jan. 1973a.

DIÁRIO MERCANTIL. Coluna Vozes. Juiz de Fora, p. 2, 4 e 5 mar. 1973b.

DIÁRIO MERCANTIL. Coluna Vozes. Juiz de Fora, p. 2, 8 mar. 1973c.

DIÁRIO MERCANTIL. Quaresma impede novo desfile sábado de escolas e de blocos. Juiz de Fora, p. 1, 9 mar. 1973d.

DIÁRIO MERCANTIL. Coluna Vozes. Juiz de Fora, p. 2, 9 mar. 1973e.

FABATO, F.; SIMAS, L. A. **Pra tudo começar na quinta-feira**: o enredo dos enredos. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

Faria, G. J. M. **O G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro e as representações do negro nos desfiles das escolas de samba nos anos 1960**. 2014. 294f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LOPES, N. **História e cultura africana e afro-brasileira**. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.

MOREIRA, A. B. **Carnaval em Juiz de Fora: Identidade Comunitária ou Produto da Indústria Cultura?** 2008. Tese (Doutorado em Processo Comunicacionais) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2008.

MOSTARO, C. D.; FILHO, J. M.; MEDEIROS, R. F. **História Recente da Música Popular Brasileira em Juiz de Fora (1945-1975)**. Juiz de Fora: Edição dos Autores, 1977.

MUSSA, A.; SIMAS, L. A. **Samba de enredo: história e arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MUSSE, C. F. **Imprensa, cultura e imaginário urbano: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora**. 2008. Disponível em: www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=11. Acesso em: 10 mai. 2021.

SARLO, B. **Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

THOMÉ, C. **Identidades construídas no ritmo do carnaval carioca**. Disponível em: <https://pesquisafacomufjf.files.wordpress.com/2013/06/identidades-construc3addas-no-ritmo-do-carnaval-carioca-thomc3a9-clc3a1udia.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman, 2001.